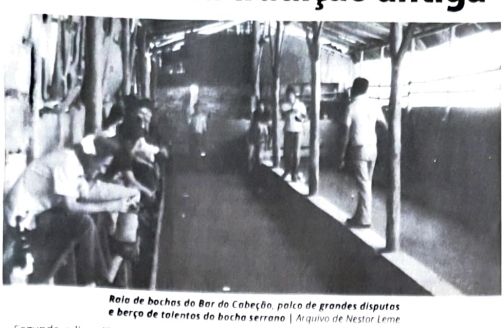
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

O fim de uma tradição antiga



Raia de bochas do Bar do Cabeção, palco de grandes disputas e berço de talentos do bocha serrano | *Arquivo de Nestor Leme*

Segundo o livro "Fragmentos da Imigração Italiana", do amigo Guilherme T. Della Guardia, foi no início dos anos oitenta do século dezenove que começaram a chegar a Serra Negra os primeiros imigrantes italianos. Foram apenas treze as primeiras famílias que desembarcaram por aqui e, como ainda não existia o trem, desconhecemos o meio de transporte usado pelos pioneiros para chegarem à nossa terra. O que sabemos é que eles chegaram para mudar o modo de vida dos serranos daquele tempo, pois os estrangeiros eram barulhentos, falavam alto e, gesticulando, gostavam de cantar em altas vozes, de festas, ou seja, eram um povo alegre.

Além de tudo isso, a maioria dos homens daquele povo era apaixonada pelo jogo de bochas, esporte milenar talvez inventado no Antigo Egito, com passagem pelo Império Romano e levado pelos conquistadores romanos para a Itália, onde se popularizou, criou raízes e acompanhou os italianos por onde estes foram morar.

Aqui em Serra Negra, o costume de jogar bochas começou antes do futebol e, mesmo depois da chegada deste esporte, a bocha continuou sendo o segundo esporte na preferência dos serranos. Este esporte é praticado numa raia com cerca de vinte metros de comprimento, por uns três de largura, cercada de tábuas numa altura de quarenta centímetros e pranchões mais altos nos fundos, e jogado com oito bolas, antes torneadas em madeira e hoje feitas de resina e em cores diferentes, normalmente quatro brancas e outras quatro de outra cor, para melhorar a visualização das jogadas, e de uma bola menor chamada bolim, que marca o início das jogadas, que consiste em ver quem consegue colocar mais bolas perto do bolim, sendo que cada bola vale dois pontos e quem chegar aos dezoito pontos é declarado o vencedor. Uma das primeiras raias de bochas populares que tenho conhecimento ficava no antigo Clube XV, onde surgiram, nos anos cinquenta, jogadores afamados como Ansano Ferraresso, Zé Pequeno, Zéca Paraná, Sebastião Barbosa e outros craques. Porém, foi na famosa raia de bochas do Bar do Cabeção que surgiu um dos maiores bochófilos da história deste esporte, o Duilio Del Buono, ou o Du, como ele era mais conhecido.

Du começou jogando bochas nas tardes dos sábados, quando vinha à cidade para passear com amigos, que antes paravam no Cabeção, onde se divertiam jogando algumas partidas de bochas. Eram duas as raias: numa jogavam os cobras e na outra os coveiros, assim eram conhecidos os jogadores mais fracos. Ele começou do lado dos fracos, mas não demorou em passar para o lado dos bons, onde em pouco tempo ficou quase imbatível, tanto no jogo individual como em duplas. E jogava com a mesma técnica em todas as raias existentes na cidade que frequentou.

Disputou três dos campeonatos organizados no Bocha do Olívio Brioto, sendo campeão em duas das três disputas. Participou com destaque em várias versões do Torneio de Inverno do CME, em dupla com Gracioso Endrigui, representando os times do Tinguaça e da Associação. E sua fama como grande jogador de bochas também era conhecida nas cidades vizinhas, onde ele representou Serra Negra em grandes disputas.

Um dia, uma enfermidade o impediu de continuar jogando e, por isto, encerrou a carreira. No último dia 11 de fevereiro, recebi com tristeza a notícia de seu falecimento. Éramos amigos de longa data e, por esta amizade e merecimento, resolvi prestar-lhe esta homenagem.

Ele se foi e, em seu velório, ouvi amigos dizerem que a antiga tradição da prática do jogo de bochas em Serra Negra, onde no passado existiram várias raias para a prática deste esporte, está praticamente extinta. O Du entrou para a história e levou com ele mais uma das tradições que vieram com os italianos. O jogo de bochas de Serra Negra, infelizmente, acabou...

Duilio Del Buono, terceiro da direita para a esquerda, (de relógio), símbolo da tradição do jogo de bochas trazida pelos imigrantes italianos a Serra Negra | *Arquivo de Nestor Leme*

104.5 fm SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Entre o Dr. Google e o médico de verdade

Antigamente, quando adoecíamos, vivíamos no escuro da informação. Hoje, estamos cercados de conhecimento e isso nem sempre nos traz paz. Entre a ignorância de antes e o excesso de agora, seguimos tentando equilibrar medo e bom senso. As poucas informações que tínhamos no passado nos deixavam sem saber o que fazer e como nos tratar, e deviamos sempre recorrer a um médico para receber o diagnóstico. Hoje em dia, ganhamos muitos doutores e literaturas que antes eram inacessíveis. O Dr. Google já nos dá as primeiras ideias e, muitas vezes, pode causar pânico pela quantidade de suposições. Você pesquisa dor do lado direito na barriga e ele te fala diversas possibilidades, inclusive câncer. Naquela noite você nem dorme, preocupado. Corre para o médico e, no final, eram só gases. Outras vezes, você sente essa dorzinha e pensa: isso não é nada e, em menos de um mês, a doença acaba com você.

E com o dentista, então? Quantos homens perdem os dentes por medo de dentista. Meu pai e meu marido eram assim. Demorou até que suas imagens estivessem tão desprezíveis que foram tratar seus dentes.

A saúde não é brincadeira, e cada um de nós reage de forma diferente diante dessas questões. Tem aquele que não sai do médico, vai a muitos e acaba descobrindo tantos problemas que nem sabe qual tratar primeiro. Outros já são os "desligados" ou medrosos, sentem algo, mas vão ser fortes e a doença vai embora.

Algumas vezes, doenças terminais - ou sobrevidas (palavra mais horrível de se escutar) - têm de ser tratadas como aquela parede descascada que, se não olharmos muito, não sabemos que ela está assim. Isso possibilita momentos de alegria e prazer, sem ficar pensando na doença o tempo todo.

Passando os olhos pelo Facebook, parece que o algoritmo adivinha o que tenho, e vem uma propaganda atrás da outra de curas para minha doença: chás, remédios, exercícios. E o que é pior, vendem de tal forma aquele tratamento que fazem todos acreditarem em seus resultados.

No fim das contas, entre ser exagerado ou negligente, talvez o melhor remédio ainda seja o equilíbrio. Informação é uma bênção, mas ponderação é indispensável. Nem tudo é câncer; nem tudo são gases; e nem tudo que aparece nas telinhas é salvação. Cuidar da saúde continua sendo um ato de responsabilidade, prudência e, acima de tudo, confiança em profissionais preparados para nos orientar, mesmo que eles sejam apenas seres humanos como nós.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Arquivistas da alma humana

Existe uma linhagem de guardiões do saber que não usam luvas brancas e jalecos, mas que carregam pastas de arquivos e uma memória de causar inveja a qualquer computador de última geração! São os que eu gosto de chamar de Arquivistas da Alma Humana! Enquanto a história oficial, aquela dos livros didáticos, se perde em datas frias e assinaturas burocráticas, esses mestres da narrativa entendem que o que realmente importa é o "causo" - aquela experiência que humaniza o passado e o impede de virar apenas estatística.

Em Serra Negra, temos o nosso próprio "Forrest Gump", e ele atende pelo nome de Nestor Leme. Mas, veja bem, o paralelo para por aí: ao contrário do personagem de Tom Hanks, o Nestor tem uma mente afiada como uma navalha e um senso crítico que não deixa passar um detalhe! Ele é o fio condutor que une décadas de eventos monumentais da nossa terra, mas não o faz apenas com palavras. Nestor é um guardião de tesouros físicos; ele é o homem que salvou fotografias, recortes de jornais e, o que mais me fascina no momento, um acervo riquíssimo de publicidade cinematográfica que faria qualquer diretor de Hollywood chorar de emoção.

Sentar para conversar com ele é como assistir a uma sessão contínua de cinema, onde a tradição oral se mistura aos fatos. E aqui entra a beleza da coisa: contadores de histórias como o Edward Bloom, daquele filme fantástico Peixe Grande, ou o nosso inesquecível Pantaleão de Chico Anysio, nos ensinaram que a veracidade histórica é um detalhe menor perto da "verdade do coração". Quando o Pantaleão contava seus absurdos e a Terta confirmava com o famoso bordão "Verdaaaaade!", ele não estava mentindo; ele estava dando licença poética para que a vida fosse mais colorida do que ela realmente é.

Os sábios de várias culturas, como os Griôs (guardiões da tradição oral, memória e ancestralidade em comunidades africanas) e os mestres tradicionais sabem que passar a mensagem - a lição, o sentimento - é o que realmente eterniza uma biografia. Nestor Leme opera nessa mesma frequência lírica. Ele entende que, enquanto a ciência busca o que aconteceu, a alma quer saber o que aquilo significou. Por isso, ele não guarda apenas papéis; ele guarda a luz daqueles momentos.

E é justamente para honrar esse "Forrest Gump serrano" e seus tesouros que estamos preparando algo especial no museu. Imagine poder ver, projetado em telão, o marketing de guerrilha de estúdios como Paramount e Columbia que o Nestor preservou por tanto tempo. Fica aqui o meu convite, quase um sussurro de bastidores, para quem quiser mergulhar nessa Era de Ouro do Cinema conosco. No dia 9 de março, uma segunda-feira, às 19h, abriremos as portas do Museu ReArte para uma palestra e exposição onde o Nestor será, como sempre, o nosso guia por esse labirinto de memórias. Porque, no fim das contas, a gente descobre que a história não é feita de papel, mas de gente que, como ele, insiste em não deixar o brilho dos nossos olhos apagar.

ReArte
VENCEDOR DE MIL PRÊMIOS DA ACADEMIA INCLUINDO MELHOR CAUSO
Nestor Leme é Nestor Leme em
O Contador de Causos
CONVITE ESPECIAL MUSEU REARTE
09 de Março (2ª feira)
19h
Museu ReArte
Entrada Gratuita
A Era de Ouro do Cinema - Palestra com Nestor Leme
ReArte - Rua São Vicente de Paulo, 108 - Serra Negra / SP

Nestor Leme como Forrest Gump - Homenagem | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Por Henrique Vieira Filho

Arquivistas da alma humana

Existe uma linhagem de guardiões do saber que não usam luvas brancas e jalecos, mas que carregam pastas de arquivos e uma memória de causar inveja a qualquer computador de última geração! São os que eu gosto de chamar de Arquivistas da Alma Humana! Enquanto a história oficial, aquela dos livros didáticos, se perde em datas frias e assinaturas burocráticas, esses mestres da narrativa entendem que o que realmente importa é o "causo" - aquela experiência que humaniza o passado e o impede de virar apenas estatística.

Em Serra Negra, temos o nosso próprio "Forrest Gump", e ele atende pelo nome de Nestor Leme. Mas, veja bem, o paralelo para por aí: ao contrário do personagem de Tom Hanks, o Nestor tem uma mente afiada como uma navalha e um senso crítico que não deixa passar um detalhe! Ele é o fio condutor que une décadas de eventos monumentais da nossa terra, mas não o faz apenas com palavras. Nestor é um guardião de tesouros físicos; ele é o homem que salvou fotografias, recortes de jornais e, o que mais me fascina no momento, um acervo riquíssimo de publicidade cinematográfica que faria qualquer diretor de Hollywood chorar de emoção.

Sentar para conversar com ele é como assistir a uma sessão contínua de cinema, onde a tradição oral se mistura aos fatos. E aqui entra a beleza da coisa: contadores de histórias como o Edward Bloom, daquele filme fantástico Peixe Grande, ou o nosso inesquecível Pantaleão de Chico Anysio, nos ensinaram que a veracidade histórica é um detalhe menor perto da "verdade do coração". Quando o Pantaleão contava seus absurdos e a Terta confirmava com o famoso bordão "Verdaaaaade!", ele não estava mentindo; ele estava dando licença poética para que a vida fosse mais colorida do que ela realmente é.

Os sábios de várias culturas, como os Griôs (guardiões da tradição oral, memória e ancestralidade em comunidades africanas) e os mestres tradicionais sabem que passar a mensagem - a lição, o sentimento - é o que realmente eterniza uma biografia. Nestor Leme opera nessa mesma frequência lírica. Ele entende que, enquanto a ciência busca o que aconteceu, a alma quer saber o que aquilo significou. Por isso, ele não guarda apenas papéis; ele guarda a luz daqueles momentos.

E é justamente para honrar esse "Forrest Gump serrano" e seus tesouros que estamos preparando algo especial no museu. Imagine poder ver, projetado em telão, o marketing de guerrilha de estúdios como Paramount e Columbia que o Nestor preservou por tanto tempo. Fica aqui o meu convite, quase um sussurro de bastidores, para quem quiser mergulhar nessa Era de Ouro do Cinema conosco. No dia 9 de março, uma segunda-feira, às 19h, abriremos as portas do Museu ReArte para uma palestra e exposição onde o Nestor será, como sempre, o nosso guia por esse labirinto de memórias. Porque, no fim das contas, a gente descobre que a história não é feita de papel, mas de gente que, como ele, insiste em não deixar o brilho dos nossos olhos apagar.

Nestor Leme como Forrest Gump - Homenagem | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*